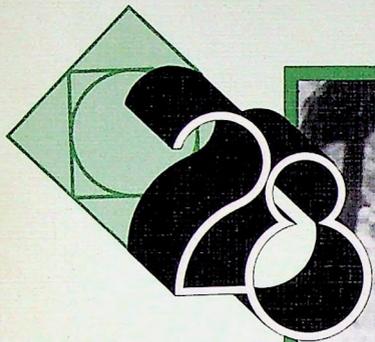


Projeto



VOLUME 10



mobral

Uarini

Grãos dourados da
mata virgem

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
João Figueiredo

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Esther de Figueiredo Ferraz

PRESIDENTE DO MOBRAL
Cláudio Moreira

Ministério da Educação e Cultura - MEC
Secretaria de Ensino de 1.º e 2.º Graus - SEPS
Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL

Uarini

Grãos dourados da mata virgem



Rio de Janeiro
1984

Impresso no Brasil/Printed in Brazil
© 1984 — Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral

Rua da Alfândega, 214 — CEP 20070
Rio de Janeiro - RJ

Coordenação do Mobral no Amazonas
Av. 7 de Setembro, 1.212 - Centro - Manaus - AM
CEP 69000 — Tels.: (092) 234-3586 — 234-3442 — 232-3453

Departamento de Comunicação
Produção Editorial

Planejamento e supervisão geral: Wilson Pinho; *Coordenação da edição:* José Carlos Martins; *Supervisão do texto:* Gracia Maria Domingues; *Redação:* Suely Rangel; *Textos complementares:* Eduardo Nova Monteiro; *Preparação e revisão do texto:* Lilia Zanetti Freire, Rita de Cassia Godoy e Márcia de Sá Zanetti; *Fotografia:* Alvaro Renoldi; *Produção gráfica e arte-final:* Bernardino Netto; *Capa:* José Carlos Martins; *Fotocomposição:* Emilio Galantini Filho e Fernando A. do Nascimento.



Coleção Projeto 28

- 1 — Barreirinho, verde vale de brancas rendas
- 2 — Serra do Talhado, o barro vermelho da serra negra
- 3 — Povoado de Saúde, exemplo de espírito comunitário
- 4 — Areias de Vila União, uma esperança de vida
- 5 — Vila São Francisco, novos rumos para uma vida
- 6 — Bom Jardim, dez mulheres missionárias da saúde
- 7 — Tocaia, a espreita de um futuro
- 8 — Fumacê, surgem das cinzas mãos solidárias
- 9 — Prudente de Moraes, a cidade integração
- 10 — Uarini, grãos dourados da mata virgem

FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pela Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização

F981 Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização.
Uarini; grãos dourados da mata virgem. Rio de Janeiro, 1984.
13p. ilust. 21cm. (Coleção Projeto 28, 10).
Inclui anexo.
1. AÇÃO COMUNITÁRIA. 2. PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA.
3. UARINI, AM. I. Série. II. Título.

84-24

CDU:981(811.32)
CDD:981.811

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Apresentação

Uarini - Estado do Amazonas

Num dos pontos mais centrais da Floresta Amazônica, à beira de um lago, formado por um rio, encontra-se uma pequena cidade.

Um novo município, criado em 1982.

O lago, o rio e a cidade, todos com um mesmo nome: Uarini.

Sua história não está contada em nenhum livro. Mas é tão antiga quanto a descoberta do Brasil. Seus primeiros habitantes foram os índios miranhas, que hoje vivem em Miratu, uma reserva da Fundação Nacional do Índio — Funai —, próxima à sede do município.

Uarini possui somente um distrito-sede, com menos de 10% da sua população total. O restante encontra-se em comunidades formadas dentro da floresta, junto aos igarapês ou pequenos rios.

Local de difícil acesso, distante de Manaus mais de 740 quilômetros, para se chegar lá gastam-se quatro dias e três noites de viagem, subindo o Solimões, em barcos de linha.

Uarini, com 9.850km², é o maior produtor de farinha de mandioca da Amazônia, considerada especial, com seus grãos amarelados, típica da região. Todos os habitantes de Uarini vivem do plantio da mandioca e da

fabricação de farinha.

No apogeu do ciclo da borracha, aquele pedaço de terra perdido na floresta começou a ser povoado por nordestinos, peruanos e colombianos, como as famílias Sevalho e Lopes que, misturando-se aos índios, formaram um povo bonito e mestiço.

E nesse longínquo lugar, escondido pela floresta, o Mobral, mais uma vez, entrou em ação. Um dos primeiros atos da prefeitura foi a criação da Comissão Municipal. Logo em seguida, foi inaugurado o Posto do Mobral.

Agora, toda a comunidade está mobilizada na construção da nova casa, para onde serão transferidos o pré-escolar e a classe de alfabetização funcional, além do Posto. Ao lado, está sendo preparada uma horta que servirá para enriquecer a merenda escolar e atender a toda a comunidade. O trabalho do Mobral em Uarini está se iniciando, assim como o município, que dá seus primeiros passos agora. Mas o terreno é fértil, e já podemos ver os primeiros frutos, prontos para a colheita.

Apesar da distância até Manaus, Uarini busca mais espaço para o seu crescimento. Todo o povo trabalha de

sol a sol, numa temperatura média de 40°, para ver a sua cidade crescer e se impor junto ao desenvolvimento de outros municípios.

Este caso mostra exatamente o começo do município e do Mobral, o apoio dado e recebido, para juntos, comunidade e Mobral, crescerem. Meus agradecimentos a todos aqueles, em Uarini, que acreditaram no Mobral, aqueles que estão ajudando na construção da nova casa, às mães de alunos do pré-escolar, à prefeitura, que doou o terreno. A toda a comunidade, que trabalha com entusiasmo pela causa da educação. Aos monitores do pré-escolar e da alfabetização, aos voluntários, à Supervisora Estadual Heloísa Almada, aos técnicos e funcionários do Mobral que encontram em seu caminho outros municípios na mesma situação de Uarini e não desanimam. Às águas dos rios que banham nossa floresta, a todo o povo amazonense, pela bravura com que enfrenta toda a sorte de dificuldades mas que vai em frente, certo de dias melhores.

Elisa Tinoco
Coordenadora do Mobral no Amazonas

Água, floresta e homem

A paisagem é a mais exuberante. O rio Solimões percorre seu curso com destino a Manaus, onde se encontra com o rio Negro e se transforma no rio Amazonas.

A floresta, a mata virgem, se deixa levar aos poucos pela cheia e pela vazante do rio, que se torna amarelado devido à terra que se funde com suas águas.

O céu, sempre azul, e a temperatura, sempre quente, se modificam ao entardecer com a chuva, que alivia o

calor intenso, o mormaço, abençoando toda essa natureza, tão deslumbrante.

Parte integrante desta exuberante paisagem, o elemento humano: o caboclo. Encontrado em seu habitat — a mata, rica e pródiga, de onde tira seu sustento —, vive longe da civilização e próximo de si mesmo.

O médio Solimões é a grande estrada de acesso a todas as comunidades ribeirinhas, bem no meio da Floresta Amazônica. São dias e dias de viagem por este imenso rio-mar, onde a natureza impera e domina a vida de todos.

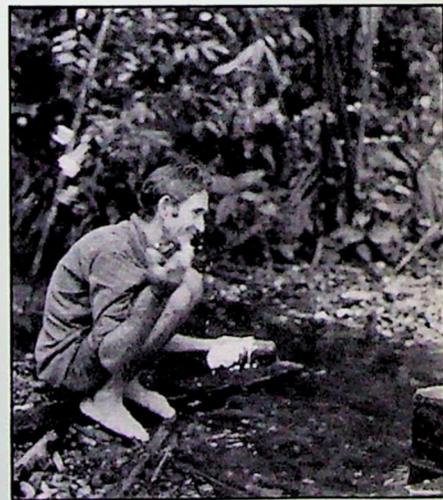
As águas do rio, com seus afluentes, subafluentes, paranás, furos e

igarapés, espalhados por toda a região, conjugados à extensa floresta tropical — mata mais heterogênea que se conhece, com mais de 4 mil espécies classificadas —, criam um ambiente que surpreende e fascina a imaginação humana.

De repente, um bando de pássaros corta o silêncio da mata e o canto do rio que, em cada curva, nos deixa desvendar um novo mistério que, aos poucos, vai se descortinando aos olhos. É uma paisagem que se modifica a cada instante.

E no meio da floresta, ou na beira do rio, distantes entre si, surgem famílias e pequenas casas, de palha ou de madeira. A mulher lava a roupa na

Grandes riquezas



beira do rio, o homem, mais afastado em sua pequena canoa, pesca o alimento do dia, e as crianças admiram as embarcações que passam, levando pessoas que, para elas, fazem parte de um outro mundo.

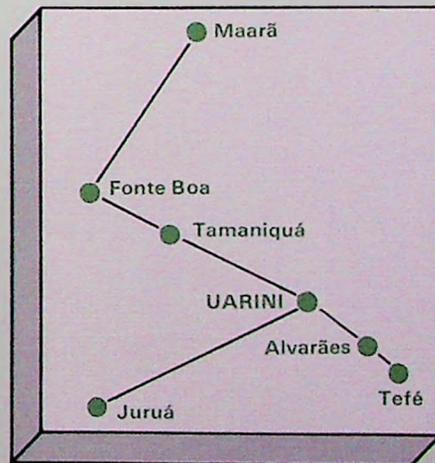
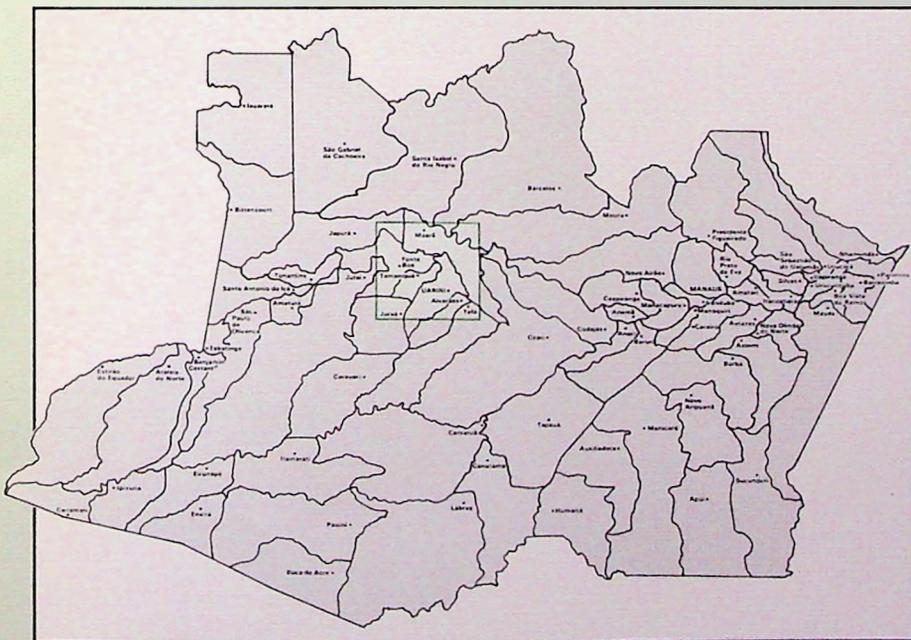
E nesse mundo diverso, uma pequena cidade se forma. Saindo do Solimões para penetrar em um de seus subafluentes, encontramos um lago, com ilhas formadas pela vazante do rio. Escondido entre as árvores que saem de dentro das águas, avista-se, ao longe, um pedaço de terra firme. Como num passe de mágica, surge um aglomerado de casas, com seus telhados de alumínio brilhando contra o sol. Cercado pela floresta e pela água

do lago, está Uarini, sede de um município com apenas dois anos de autonomia política e que é o maior produtor de farinha de mandioca da região. Uma farinha de grãos amarelos, lembrando pequenas pepitas de ouro.

A lenda da mandioca

Mani nascera diferente das outras índias. Era branca como lírio. E também a índia mais bonita que já existiu na terra. Os índios gostavam dela como de um ser sobrenatural, porque um espírito branco apareceu, em sonho, para o cacique da tribo e contou-lhe que Mani era um presente de Tupã.

Um dia porém, sem se saber como, Mani adoeceu e morreu. A tristeza na tribo foi geral e profunda. Os índios choraram muito e enterraram Mani no



Distante da capital do estado mais de 740 quilômetros, para se chegar a Uarini levam-se alguns dias de viagem percorrendo

o Solimões. Com uma área de 9.850km², o município possui apenas um distrito-sede, com menos de 10% da sua população total.

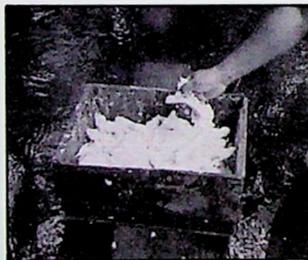
jardim. Todos os dias iam ver sua sepultura. E choravam tanto, que as lágrimas molhavam a terra. O tempo passou, veio a primavera. Na cova de Mani, cresceu uma planta desconhecida. A planta cresceu. Um dia, os índios cavaram a terra e encontraram um tubérculo. Notaram que se parecia com o corpo de Mani e, acreditando no milagre, comeram-no, certos de adquirirem, assim, mais vigor para as lutas. Fizeram dele, também, uma bebida e se embriagaram. Mani existia ainda, transformada em planta. Era um presente sagrado de Tupã. E os índios cultivaram com carinho o corpo imortal de Mani, transformado em alimento, e chamaram-no mandioca.

(Etimologicamente, porém, o termo mandioca deriva do tupi-guarani *mãdi'og* ou *mani'oka*. Dada a grande aceitação desse alimento entre as tribos indígenas brasileiras, segundo os etimólogos, o vocábulo é registrado de várias formas.)

A farinha de mandioca

No início do século XX, com o declínio da borracha, a opção de sobrevivência daqueles que haviam migrado para o Amazonas foi a agricultura, principalmente o plantio da mandioca. Os migrantes e os índios foram trocando suas técnicas de preparo da farinha que, com o tempo, foram aperfeiçoadas, apresentando maior qualidade, além de ocasionar um aumento da produção. Sua cor também foi alterada, passando de branca a amarela, devido a um

O ouro nativo



A mandioca, motivo de muitas lendas regionais, chegou a ser confundida com o ouro. De uma certa forma, a metáfora é verdadeira: é do comércio dessa mandioca que a região de Uarini sobrevive.

processo de seleção da mandioca amarela.

O sistema de trabalho ainda é dos mais antigos, herdado dos índios miranhas, que já utilizavam a mandioca como alimentação.

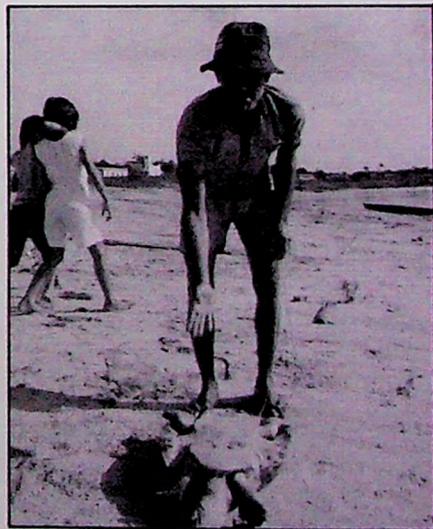
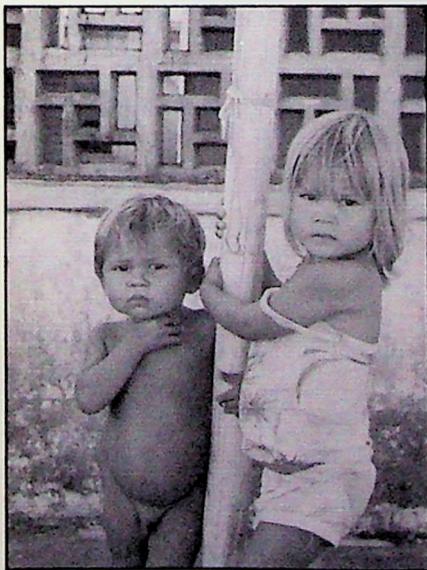
Primeiramente, é escolhido o terreno onde ocorrerá o plantio, pois há na floresta dois tipos de terreno: a capoeira e a mata. A primeira, que é uma área já cultivada e que possui árvores mais finas, facilitará o plantio, uma vez que a terra não precisa ser trabalhada. No entanto, a mata — área nunca cultivada que apresenta árvores de grande porte — deverá sofrer um processo de queimada e derruba das árvores.

Durante todo o ano, é feito o plantio em vários roçados, que levam 12 meses até ficarem prontos para a colheita. Todas as famílias, apesar de cada uma ter seus próprios terrenos plantados, ajudam umas as outras, num trabalho comunitário a que eles dão o nome de ajuri.

As plantações se localizam, sempre, muito distantes das casas de farinha, e o agricultor tem que carregar nas costas, num paneiro (cesto de vime com asas), toda a mandioca colhida para colocá-la de molho nos igarapés. Depois de cinco dias de molho, a mandioca está pronta para ser descascada, uma a uma, e colocada em caixotes, onde é amassada, com as

mãos, e levada para a casa de farinha. Algumas dessas casas já possuem um moedor próprio, movido a gasolina, para a execução desse trabalho. Já amassada, a mandioca é colocada num tipiti (cesto cilíndrico feito de palha), para a retirada do sumo, chamado tucupi. Depois de seca, a massa é peneirada e levada ao forno, tendo início, finalmente, o processo de torrefação da farinha, quando sua cor amarela vai se acentuando. Já fria e ensacada, a farinha é carregada, nas costas, de volta para a cidade. Alguns agricultores levam os sacos para casa, esperando a vinda dos barcos que compram a produção. Outros levam-nos direto para os

Olhares no futuro



O caboclo da região é marcado pelos traços de uma profunda miscigenação.

Índios, migrantes latino-americanos e europeus formaram a raça local.

flutuantes que ficam atracados no lago em frente à cidade e vendem-nos para os comerciantes. Como em Uarini ainda não existe uma cooperativa dos fabricantes de farinha, os preços são estabelecidos pelos donos dos barcos. Cada família produz por semana, em média, 150 quilos de farinha. Pela sua cor amarela e seus grãos de tamanho quase igual, ela é considerada especial, e nas grandes cidades seu preço é elevado.

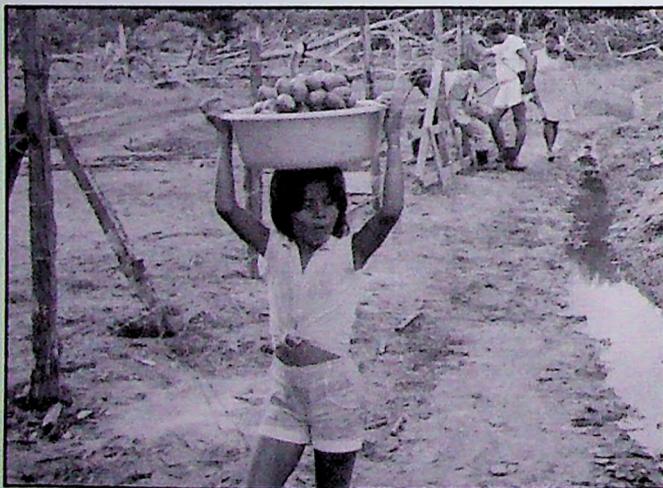
O início de um trabalho

Um dos primeiros atos do Prefeito José Domingos Lopes foi a criação da Comissão Municipal do Mobral. Logo em seguida, foi inaugurado o Posto do Mobral, ambos no início de 1983. Na cidade existe apenas uma escola, que esteve fechada durante cinco anos e que agora foi recuperada, atendendo a crianças e jovens do 1.º grau. Os adultos não tinham como estudar, e a partir da implantação do Projeto de Alfabetização Funcional foi formada a primeira turma.

Atualmente, o município conta com quatro classes de alfabetização na zona rural e duas na zona urbana, além de uma turma do Projeto de Educação Integrada.

Ainda em 1983, foi reativado o Clube de Mães e criado o Grupo de Jovens, que participam do Projeto de Educação Comunitária para o Trabalho — Petra —, realizando cursos de artesanato em palha, juta e barro. Para a faixa etária de 4 a 6 anos, foram formados dois núcleos de pré-escolar que atendem a cerca de 60 crianças. Atualmente, o pré-escolar está funcionando na Escola Hermano Estradeli, mas como a sala se apresenta em condições precárias para

Vivendo o dia-a-dia



O trabalho iniciado em Uarini serviu de incentivo às crianças e

adolescentes. Além de estudarem, aprenderam a viver comunitariamente e

a ajudar na rotina: seja na hora da pesca ou na colheita da mandioca.



receber as crianças, a comunidade decidiu construir uma casa que lhes proporcionasse melhor atendimento e, ao mesmo tempo, servisse de sede para o Mobral.

Assim, começaram a construir, num terreno doado pela prefeitura, uma pequena casa, que terá duas salas, dois banheiros, uma secretaria e uma cozinha.

Nessa casa, irá funcionar o pré-escolar e, à noite, o curso de alfabetização.

Para lá, será transferido o Posto, instalando-se assim num único prédio todo o Mobral.

A Presidente da Comissão Municipal, Valdeneide Gonçalves Leite, considera que o Mobral melhorou muito o

relacionamento entre as pessoas da cidade. Em Uarini, ele está presente em tudo o que acontece. Um exemplo é o renascimento da dança do maxuai, dos índios miranhas, que já estava esquecida e que o Mobral fez reviver.

Santa Domicia

A comunidade de Santa Domicia começou a ser formada em 1983, por famílias que haviam sido obrigadas a abandonar as terras em que viviam, em Punã, outra comunidade do Município de Uarini, pois o dono das terras não queria que eles ali permanecessem. Unidos, eles se instalaram num pedaço de terra abandonado, chamado Barreira do Jacaré. Sem disporem de maiores recursos, começaram a construir suas casas com palha e madeira.

Evaldo Rodrigues Itapirema, o Seu Vavá, foi o grande incentivador dessa

As máscaras, os ritos e os rios



Os mistérios das águas do rio se fundem com os rituais das danças

nativas. O folclore da região é rico e insinuante como toda a floresta.

comunidade. Todos se ajudavam no trabalho de construção das casas e no preparo do terreno para o plantio da mandioca.

Com a ajuda do Vereador Nilo Ribeiro dos Anjos, conseguiram construir uma escola, onde estudam 66 crianças, atendidas pelo Instituto de Educação Rural do Amazonas — IER/AM —, e à noite os adultos são alfabetizados pelo Mobral.

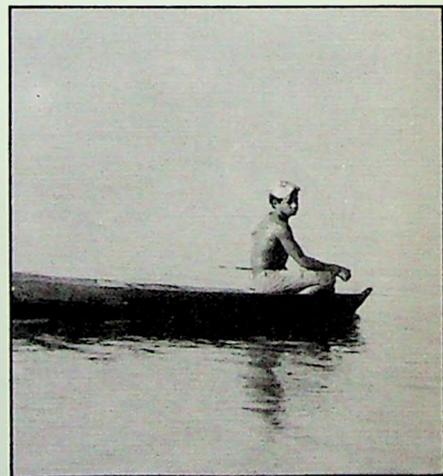
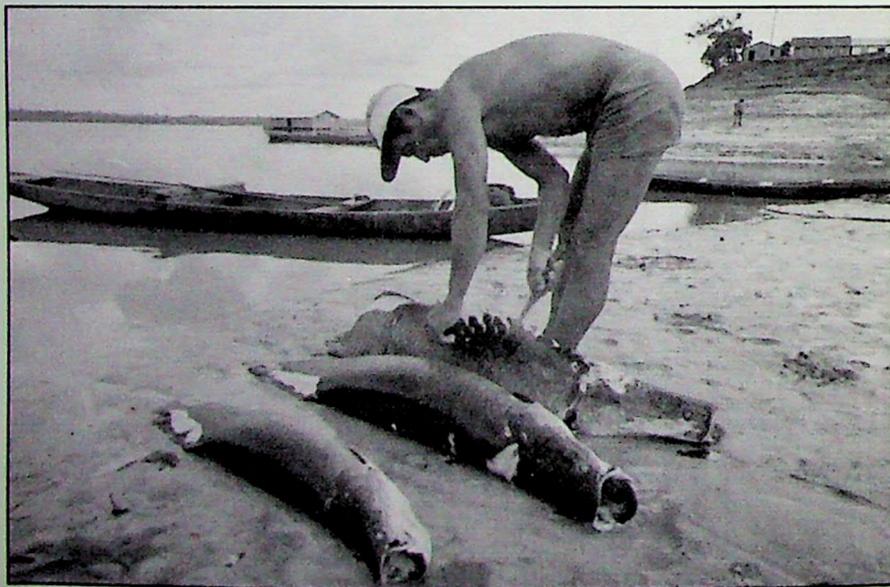
Seu Vavá conta que, antes de a escola ser construída, os alunos estudavam na casa de uma das moradoras, sentados no chão, às vezes deitados de barriga para poderem escrever. Para ele, a atuação do Mobral é muito importante. Na sua simplicidade, ele

diz: “Eu me sinto muito feliz sendo alfabetizador do Mobral e professor municipal, porque com o pouco que eu sei elevo mais aqueles que não sabem, e um dia eles ainda dirão: ‘Eu aprendi alguma coisa com o Seu Vavá’. Esse é o meu maior orgulho”.

Para Seu Vavá, que também é poeta, “viver longe da cidade grande é viver num remanso. Num pedaço encantado. Porque, antigamente, todo mundo corria para o Amazonas, até os mais cultos, em busca do Eldorado. Então, a busca desse Eldorado continua sempre. Mas para mim o Eldorado é aqui na nossa comunidade, aqui em Uarini, na farinha que produzimos”.

Na escola, Seu Vavá criou uma farmácia comunitária, onde todos os moradores de Santa Domicia, quando estão doentes, vão procurá-lo. Ele é agente de saúde rural e, com a experiência que tem, vai tratando das pessoas. Para enriquecer seus conhecimentos, está sempre lendo livros de primeiros socorros, a cura pelas plantas e medicina caseira. Além disso, Seu Vavá desempenha, por conta própria, outra função: anota num caderno, que sempre traz consigo, os nascimentos, falecimentos e números de registro das pessoas da comunidade que, atualmente, conta com 40 casas e 503 habitantes.

A pesca: atividade ancestral



O alimento não vem somente da floresta. Os homens enfrentam uma outra batalha: procurar no rio o verdadeiro alimento

das populações ribeirinhas. Do fundo daquelas águas, são pescados o tucunaré, o tambaqui e o pirarucu.

O lazer da cidade

Nas tardes quentes, quando o sol já não está tão forte, as crianças e os adultos vão para os igarapês que ficam atrás da cidade, próximos à floresta. Na cheia, forma-se um grande igarapé, profundo e perigoso, que na vazante transforma-se em três pequenos igarapês, chegando a água até o joelho, no máximo. Nesse período, todos aproveitam para se banhar. Aos domingos, os homens da cidade, juntamente com outros das comunidades vizinhas, costumam

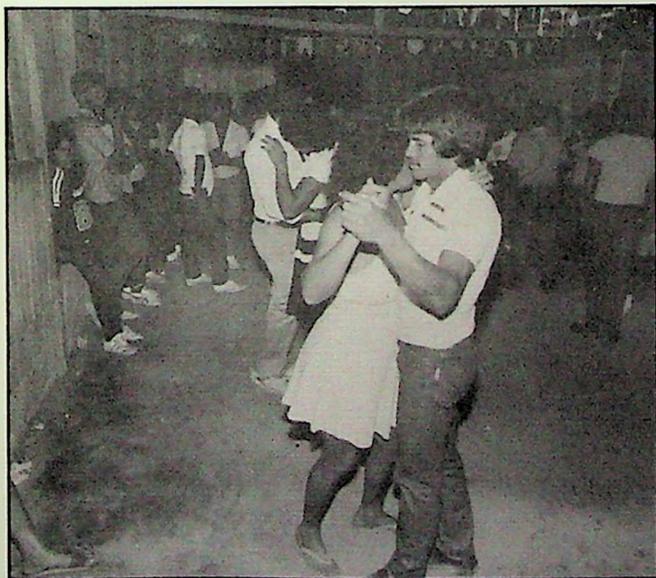
realizar um campeonato de futebol. As meninas da cidade, sempre a girar sem bambolês, parecem treinar para dançar a lambada, onde é preciso muito jogo de cintura para acompanhar o ritmo.

O divertimento aos sábados é ir ao baile no clube da cidade — uma construção de madeira, onde não se cobra entrada, nem mensalidade, mas de onde todos são sócios. As meninas dançam umas com as outras, pois não se pode ficar parado diante da lambada, animada pelo conjunto Os Incríveis.

Mas é na água que todos se encontram. Nas competições de natação, corrida de canoa, concurso

de pescaria. As pessoas se jogam nas águas do lago, de roupa mesmo. O importante é refrescar o corpo do calor intenso.

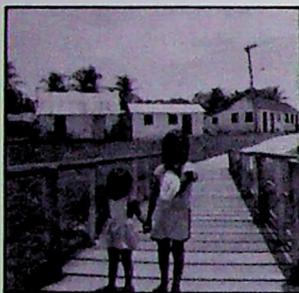
Festa e descontração



O lazer e o descanso também têm a sua hora. Os dias santos são festejados com pompa e circunstância, como a Festa do Divino. Nos dias de folga, um pouco de dança, crianças brincando: é a comunidade que se descontraí.

Anexo

Localização



O Município de Uarini, no Estado do Amazonas, conta com uma área de 9.850 km². Encontra-se distante de Manaus mais de 740 quilômetros fluviais.

Um dos municípios mais centrais da Floresta Amazônica, tem seus limites assim definidos: Maraã e Alvarães, a sudoeste; Juruá, a noroeste; Tamaniquá, a nordeste; e Fonte Boa, ao norte. Uarini é dividido, ao norte, pelo rio Solimões. Sua divisa com Maraã é feita pelo rio Juruá. Além desses e dos rios Uarini e Copacá, o município possui vários outros riachos, igarapés, lagos e várzeas.

Por ter sido criado após o Censo de 1980, não há dados precisos sobre Uarini. Estima-se que sua população atual seja de 4.300 habitantes, apresentando uma densidade demográfica de 0,43 hab./km².

Clima e Vegetação

Pela proximidade com o Equador, o clima de Uarini é

quente. Entre 11 e 15 horas, poucas pessoas são vistas fora de suas casas. O calor é intenso. Todos aproveitam para fazer a sesta, quando não estão no roçado.

Por volta das 17 horas, é comum cair uma chuva fraca que, algumas vezes, em dias mais quentes ainda, transforma-se em temporal.

Entre os meses de março e setembro, o rio Solimões fica cheio. Em outubro, começa a vazante, que vai até fevereiro, formando lindas praias por toda a beira do rio e dos lagos. Nessa ocasião, o lago Uarini seca, passando a ser apenas um pequeno córrego.



No interior do município, a vegetação é rica, predominando a vegetação equatorial e a de igapó, que é inundada todos os anos.

As frutas típicas da região são tucumã, cupuaçu, pupunha, ingá, jambo e castanha-do-pará, além de banana, mamão, melão, abacaxi, maracujá, coco e goiaba.

Também se encontra o buriti, que pode ser plantado juntando-se as sementes macho e fêmea. Depois que as duas árvores crescem, com suas raízes entrelaçadas, o macho dá as flores, e a fêmea, os frutos.

Saúde

O município é atendido pela Fundação Serviço de Saúde Pública — Sesp —, através de um pequeno posto médico, cuja responsável é Maria Amália Peres Batista, visitadora sanitária.

O atendimento no posto só é feito quinzenalmente, quando o médico de Tefê vai até lá. Nos outros dias, é a própria Maria Amália quem presta os primeiros socorros e a assistência materno-infantil; quando o caso é mais grave, ela encaminha para Tefê.

Maria Amália sempre faz palestras no Posto do MobraI para as pessoas da comunidade, falando sobre higiene pessoal e cuidados com a saúde.

As crianças do pré-escolar, além de serem vacinadas, recebem ainda aplicação de flúor, para prevenção contra cáries, tarefas que também são executadas por Maria Amália.

Seu companheiro de trabalho, Antonio Lopes Barbosa, responsável pelo saneamento público, cuida para que as famílias conservem limpas as fossas e os reservatórios de água.

Folclore

O folclore de Uarini reúne elementos tanto indígenas quanto nordestinos. A partir de uma pesquisa realizada pela Comissão Municipal do MobraI, foi reavivada uma dança, o maxuai — que consiste na variação de cinco passos: hacunecune, nakuiá, thuyayua, makukauyá e hê hê

hê —, dos índios miranhas, primeiros habitantes da região. Esta dança foi abandonada pelos próprios índios há muitos anos. Algumas pessoas mais idosas da comunidade que chegaram a assistir à dança dos índios lembravam-se de alguns passos e músicas. Assim, o MobraI, buscando as raízes da comunidade, incentivou a criação de um grupo de dança que, apesar de ainda estar sendo organizado, já fez duas apresentações.

Outra forma de manifestação folclórica é encontrada nas festas da região, como por exemplo a Festa do Divino, que sempre acontece 40 dias após o carnaval. Por ser o Divino Espírito Santo o padroeiro do município, este é o evento mais importante para a comunidade. Sua maior atração é o mastro — um grande pedaço de madeira todo ornamentado com frutas típicas da região, como abacaxi, banana, cana, buriti, ingá e outras. Ele é suspenso no primeiro dia da festa e derrubado no nono dia, quando todas as frutas são retiradas e comidas pelos presentes. Depois, é colocado no lago com uma vela acesa e levado pela correnteza das águas.

A Festa do Arranca Toco, que ocorre depois da Festa do Divino, é mais um exemplo dessa manifestação. Ela consiste em arrancar o toco do mastro que foi derrubado, enquanto os tocadores da cidade juntam-se para apresentar algumas músicas. Em seguida, para encerrar a cerimônia, é rezada uma ladainha.

A festa continua com o baile, que dura toda a noite e é animado pelo ritmo preferido

pela comunidade: a lambada. No mês de junho, numa presença marcante do folclore nordestino, é realizada a Festa Junina, com a apresentação da dança do boi-bumbá, além de outras, tais como quadrilha, gambá, ciranda é caminho verde, Índio e piratas, esta última representada pela comunidade de Santa Domicia.

Artesanato

O artesanato de Uarini, que não é muito expressivo, vem sendo incentivado pelo Mobral, através do Petra, visando à confecção de peças em palha, como o tipiti, a peneira, o tupé (espécie de esteira) e o paneiro. Também são confeccionados chapéus, de fibra ou palha de tucumã, e vassouras, de cipó ou imbé. Para a execução desses trabalhos, a palha é colhida na floresta e colocada na água para não ressecar. Depois, é descascada e raspada até atingir o ponto de fabricação.

Comércio

O comércio da cidade é pequeno, contando com dois bares e apenas quatro lojinhas, que vendem roupas, sapatos, artigos de limpeza e produtos alimentícios, além de dois flutuantes, que também vendem mercadorias de primeira necessidade. A grande maioria prefere fazer suas compras em Tefé, onde o comércio é grande. Outra opção é o barco da Cobal que, quando passa pela cidade, permanece somente por um dia.



Arquitetura e Urbanismo

Quando o povoado de Uarini começou a se formar, as casas eram de pau-a-pique, com palha em seus telhados. Hoje, os hábitos mudaram, e as construções são feitas de madeira, com tetos de alumínio. Apesar de algumas casas estarem sendo construídas atualmente com tijolos, ainda são poucas as construções desse tipo. As ruas, que são poucas, se encontram delimitadas, sendo que somente duas apresentam condições para tráfego, o que não tem grande relevância, pois

Recursos

A cidade conta com uma delegacia; um posto médico da Fundação Sesp; uma igreja; e o Instituto de Educação Rural do Amazonas — IER/AM —, onde também funcionam a prefeitura, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, a Junta Militar e o posto telefônico da Telemazon. Uarini conta ainda com um serviço de alto-falante, pertencente à prefeitura, que apresenta noticiários, programas, músicas, bem como transmite recados da comunidade e avisos da prefeitura.

o único veículo da cidade é um caminhão pertencente à prefeitura.

A rua principal, chamada Divino Espírito Santo, começa logo após a ponte sobre o igarapé e é cimentada até a metade, enquanto as outras são cobertas por um manto verde de grama. No povoado há 132 casas, quase todas com fossas nos quintais e um tanque, que funciona como pia, pois as casas não têm cozinha. A cidade não possui rede de esgotos nem serviço de limpeza, e cada família cuida de seu próprio lixo, que é jogado no igarapé. O sistema de eletricidade da região é assegurado pela Central Elétrica — Celetra.

Religião

A comunidade de Uarini, em sua maioria, é católica, e apesar de não contarem com um padre no município, eles se reúnem todos os domingos na igreja para a realização do ajuri da palavra de Deus, que consiste numa reunião onde são feitas as orações e as ladainhas. O batismo é feito, coletivamente, em Uarini, ocasião em que é reunido um bom número de crianças e chamado o padre de Tefé. Os casamentos, porém, são realizados sempre em Tefé.

Pessoas - tipo físico

O povo de Uarini é predominantemente mestiço, formado de Índios, nordestinos, colombianos e peruanos, que ali chegaram na fase áurea da borracha e se estabeleceram, vivendo da fabricação da farinha de mandioca. Em cada habitante percebe-se a miscigenação, notadamente na pele morena, nos olhos amendoados, no cabelo liso e negro.

Bibliografia

- AMAZONAS. Governo estadual. *Estado do Amazonas*; álbum cartográfico dos municípios do estado do Amazonas 1983. Manaus, 1983. 166p. mapa.
- NÉRI, Frederico José de Santana, Barão de Santa-Anna Nery. *O país das Amazonas*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. 258p. (Reconquista do Brasil, 43)

STARLING, Nair. *Nossas lendas*. 9.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1967. 124p. il.

VIANNA, Hélio. *História do Brasil*; período colonial, monarquia e república. 14.ed. rev. aum. São Paulo, Melhoramentos, 1980. 676p. il.

Projeto
Uarini
Grãos dourados da
mata virgem

Esta obra foi composta e impressa pela
Fundação Movimento Brasileiro de
Alfabetização — Mobral —, na Rua Francisco Manuel,
111/115 - Benfica, Rio de Janeiro - RJ, Brasil
no quarto trimestre de 1984. Os textos foram compostos
pelo sistema de fotocomposição na família Univers 55,
corpo 10/11, e os títulos e subtítulos em Univers 75.





Esta publicação retrata mais um caso, dentre os muitíssimos existentes neste imenso Brasil, em que o Mobral age buscando seu principal objetivo, que é a educação continuada de adolescentes e adultos. Através do Projeto 28, do qual faz parte esta publicação, pretende-se divulgar casos semelhantes a este aqui relatado, a fim de que outras comunidades e outros brasileiros se sensibilizem e ajam em busca da educação e do desenvolvimento cultural, de modo a participarem como sujeitos na reconstrução da sociedade.